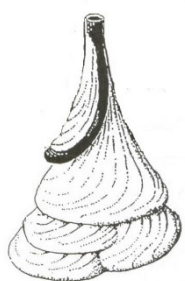


Segredos do Vale de Almourão

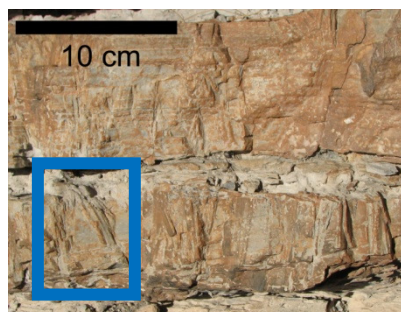
Vale Mourão é uma impressionante garganta escavada pelo Rio Ocreza nos últimos dois milhões de anos, que divide a Serra das Talhadas em duas poderosas cristas quartzíticas. Caminhar no interior deste desfiladeiro com 400 m de profundidade é fazer uma viagem no tempo até há quase 500 milhões de anos, até uma época em que os duros quartzitos eram finas areias depositadas no fundo de um vasto oceano. Uma megacolisão continental e 140 milhões de anos foram necessários para deformar estes sedimentos e transformá-los em rochas metamórficas, para erguê-los dos fundos marinhos aos cumes mais elevados destas montanhas, há mais de 300 milhões de anos. 250 milhões de anos de alteração química das rochas e erosão configuraram a região de Vale Mourão na colossal paisagem que hoje podemos apreciar. Admirar os miradouros de Albarda, caminhar por entre os quartzitos até às lendárias Portas de Almourão ou alcançar as margens do rio a partir do Barranco da Nave. Estas são algumas das sugestões para conhecer os Segredos do vale do Almourão.

Alguns segredos desvendados:

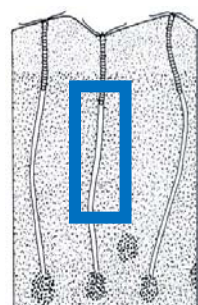
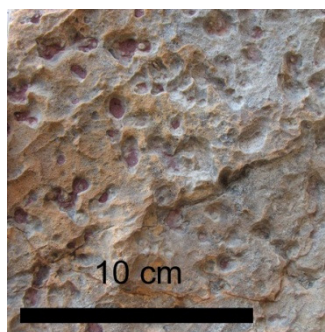
Daedalus



Seilacher, 2007



Skolithos



Bromley, 1990

Marcas de Ondulação



Geodiversidade promotora de Biodiversidade

Nas cristas quartzíticas há uma grande quantidade de afloramentos rochosos onde se instalam espécies rupícolas, aproveitando fendas largas. As escarpas são muito procuradas por certas aves dado o seu difícil acesso.

No vale do Ocreza existem 12 casais de Grifos, ave necrófaga com mais de 2,5 m de envergadura de asas. Estes animais constroem o ninho em planos de fractura que cortam as escarpas quartzíticas verticais, formando aí as suas colónias. Caracterizam-se pelo seu voo planado ao sabor das correntes de ar.



Grifo
(in: static-p4.fotolia.com)



Cegonha-Preta
(in: www.ittiofauna.org)

A Cegonha-Preta é mais pequena do que o Grifo e distingue-se pela barriga branca, patas e bico vermelho. Constrói os seus ninhos em locais isolados, em penhascos de difícil acesso, preferindo locais com pouca perturbação. Vive em penhascos junto a rios e ribeiros, alimentando-se de peixes, anfíbios, insectos.



Grifo



Cegonha-Preta

As plantas que se desenvolvem em meios rochosos (rupícolas) estão preparadas para ambientes agrestes, distribuindo-se de acordo com a humidade e exposição ao sol (luz e temperatura). Nos locais de fendas e fissuras existe solo que permite a sua fixação.



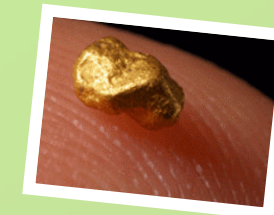
Zimbro
(adaptado de wikipedia.com)

No Vale de Almourão, nas vertentes menos íngremes destaca-se a Rosa Albardeira e o cultivo de oliveiras no passado, enquanto que nas escarpas sobressai o Zimbro. Esta espécie relíquia rara desenvolve-se em regiões muito fracturadas das cristas quartzíticas onde os solos são soltos e não há retenção de água. O Zimbro teve uma grande expansão até há 2 milhões de anos e resistiu às glaciações, estando actualmente relegada em pequenas comunidades.

Exploração de Ouro das Portas de Almourão

A utilização de recursos minerais iniciou-se com o aparecimento do Homem e a exploração de ouro foi sendo feita de acordo com as necessidades. A avaliação de um recurso mineral depende da cotação do mercado no momento e da tecnologia disponível para a sua extracção e assim a exploração deste mineral foi variando.

Já há muito tempo os romanos souberam explorar estes terrenos, com grandes minas a céu aberto das quais nos chegam as escombrelas (conheiras) com amontoados cónicos de grandes calhaus rolados (conhos) provenientes do desmonte das formações arenosas exploradas.



Pepita de ouro
(in: sai-tedaqui.blogspot.com)

As conheiras distinguem-se dos depósitos de vertente existentes nas proximidades devido ao rolamento e homogeneidade. Os depósitos de vertente são angulosos e bastante heterogéneos e as cascalheiras naturais correspondem a depósitos contínuos, estratificado e não em montículos.

As técnicas de mineração romanas baseavam-se genericamente no desmonte gravítico dos depósitos detriticos recorrendo à lavagem dos materiais com complexos sistemas hidráulicos. A água seria captada e acumulada em reservatórios e encaminhada por canais inclinados que aumentavam a sua força.



Lavagem de sedimentos finos
(in: locuradigital.com)

Os sedimentos mais finos eram lavados por garimpo, acumulando-se no fundo das conchas.

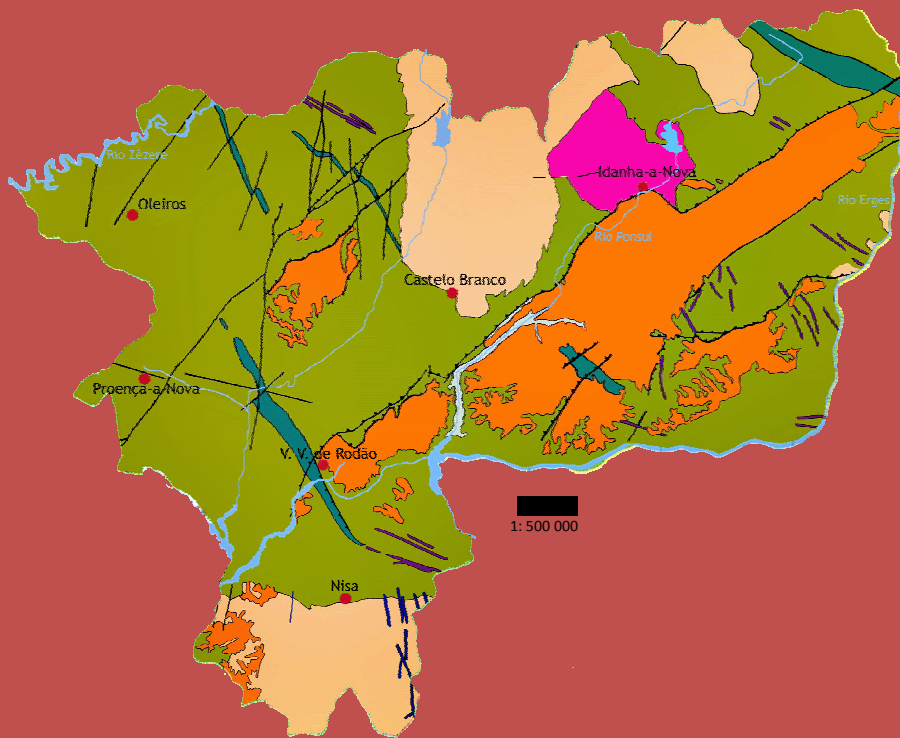
Do período romano destacam-se explorações de ouro no Minho e Trás-os-Montes e Beiras. No século XX a exploração ocorreu essencialmente em Jales e actualmente está a ser feita prospecção em vários locais como Alentejo e Trás-os-Montes.

No rio Ocreza a exploração de ouro dá-se em período que poderá remontar à Idade do Ferro, atendendo às pequenas ocorrências de conheiras, de tipologia mais simples, entre Sobral Fernando e a Ponte de Vale da Urça. A vasta conheira de Sobral Fernando-Foz do Cibrão foi explorada seguramente na época romana, evidenciando ainda alguns vestígios das técnicas empregues. Mas o garimpo de ouro no rio chegou quase aos dias de hoje, efectuado por "gandaieiros", grupos de profissionais que se dedicavam à exploração do ouro de aluvião aqui e no Rio Tejo. Alguns destes antigos profissionais ainda podem ser encontrados na aldeia de Foz do Cibrão.

A técnica de exploração utilizada por estes, tendo em conta o conhecimento empírico da hidrodinâmica fluvial, fornece ouro puro que não necessita de qualquer tipo de tratamento para se separar de outros materiais.

Geologia das Portas de Almourão

Geologia do Geopark Naturtejo



Legenda

- Grupo das Beiras (xistos e grauwauques) - Neoproterozóico (610-542Ma)
- Quartzito Armoricano e xistos - Ordovícico (488-444Ma)
- Arcoses, brechas e conglomerados - Eocénico-Pliocénico (50-1.8Ma)
- Aluviões e terraços fluviais - Plistocénico-Holocénico (1.8Ma-presente)
- Granodioritos pré-Variscos(490-480 Ma)
- Granitóides orogénicos tardi-Variscos (315-300Ma)

Rochas filoneanas

- Rochas básicas, aplíticas e pegmatíticas
- Quartzo

Tectónica

- Cavalgamentos e falhas principais

(Ma - milhões de anos)



Ouro das Portas de Almourão?

O ouro é um elemento nativo que aparece habitualmente em filões de quartzo (ouro primário), mas também em depósitos de sedimentos fluviais (aluviões), como nesta região. A erosão de formações rochosas mais antigas de xistos, grauvaques e granitos que tinham filões de quartzo leva ao transporte do ouro (mais resistente e denso) nos sistemas de drenagem. Devido à densidade, o ouro deposita-se quando a eficiência da rede de drenagem diminui, acumulando-se na matriz areno-argilosa dos depósitos de terraço fluvial, imediatamente a jusante das Portas de Almourão, onde o rio Ocreza perde competência, sedimentando largo volume de sedimentos.



O ouro encontra-se entre os seixos e areias da matriz mais fina dos depósitos fluviais.

Actualmente, o ouro utiliza-se na joalheria, em instrumentos electrónicos, na cunhagem de moedas e em reservas bancárias como garantia nas transacções internacionais.

Organização:



2010



O Ouro das Portas de Almourão

31 de Julho, 9h

Monitores: Joana Rodrigues, Edite Fernandes e Márcia Alves e Carlos Neto de Carvalho,

Ação conjunta entre o Centro de Ciência Viva da Floresta e o Geopark Naturtejo